

S. Pedro do Monte de Fralães

FARELÃES, como geralmente se escreve, dizem que vem de lugar de farelos, mas há quem adopte Fralães, corrupção de Fragães, lugar de fragas.

Atendendo à primitiva situação da freguesia, no alto do monte da Saia, onde há muitas fragas, parece que a razão está com os últimos.

Seguiremos pois daqui para o futuro esta etimologia.

A história desta freguesia anda intimamente ligada com a da Honra de Fralães, à qual ela pertencia bem como a de Viatodos.

Esta Honra foi sempre da família dos Correias e é tão antiga que se desconhece a data da sua fundação.

O primeiro Senhor de que há notícia foi D. Paio Ramires, que viveu no tempo de D. Afonso VI de Leão e foi Rico Homem em Portugal.

Foi pai de D. Soeiro Pais Correia, Rico Homem, coevo do Conde D. Henrique e Senhor de Fralães, o primeiro que usou o apelido Correia.

É curiosa a origem que atribuem a este nome.

Estando D. Soeiro Pais sitiado pelos mouros em Montemor-o-Velho e havendo carência absoluta de subsistência, ele sustentou-se durante algum tempo das correias da sua armadura e dos arreios do seu cavalo. Deste tão duro e forçado manjar tomou o apelido. D. Paio Soares

Correia, filho deste, foi Senhor de Fralães e Padroeiro das Igrejas de S. Pedro do Monte e Viatodos, como já o tinham sido seus antepassados.

Sucedeu em Fralães seu filho Pedro Pais Correia.

Comprando este a quinta do mosteiro de Roriz, Guimarães, mandou ali fazer umas casas e, como o Prior desse convento o quisesse impedir de concluir essa obra, matou-lhe dois frades.

Este facto não deslustrou porém a sua vida, pois foi um homem notável no seu tempo, legando à posteridade um nome honroso.

Casou com D. Dordia Pais de Aguiar e em memória desse casamento os seus descendentes puseram as armas dos Correias ao pescoço de uma águia, referindo-se assim aos Aguiares com quem estavam ligados por parentesco.

Sobre todas teve este varão ilustre a glória de ser o progenitor de D. Paio Pires Correia, Mestre de S. Tiago de toda a Espanha em 1242 e o conquistador da maior parte do Algarve aos mouros.

Ganhou-lhes muitas batalhas, mandando, durante uma delas, parar o sol para a acabar de vencer, ficando por isso a ser conhecido pelo nome de «o Jusué Portuguese».

Não sei se o sol lhe obedeceu, mas quer obedecesse quer não, mostrou este nosso herói um grande e atrevido ânimo com aquela ordem dada ao majestoso astro, centro do nosso sistema planetário.

Não haja dúvida!

Em Fralães sucedeu, talvez por direito de primogenitura, seu irmão Pedro Correia, que viveu no tempo de D. Afonso III e foi chamado o «Alvarazento», por ser o primeiro que aparecia nas batalhas, e a quem me refiro na freguesia de Silveiros.

Quando el-rei D. Dinis mandou devassar das Honras e Coutos, as testemunhas disseram que a de Fralães era

das mais antigas e não se lhe dava princípio. Era então Senhor desta Honra Afonso Correia.

Fernão Afonso Correia foi senhor de Fralães e das Terras de Valadares e Riba de Mouro (Monção), grande válido de D. João I, que lhe confirmou o senhorio desta Honra na vila de Santarém em 1383.

O segundo Senhor confirmado de Fralães foi Gonçalo Correia, Alferes-Mor de el-rei D. Duarte.

Alcançou este Senhor sentença contra os Duques de Bragança que queriam tirar-lhe aquela Honra por estar dentro das suas terras.

Diogo Correia, filho de outro Gonçalo Correia e neto daquele, sucedeu em Fralães, da qual foi o quinto Senhor confirmado, e seu irmão Garcia da Cunha foi para Vila Meão. (Silveiros), como tive ocasião de dizer quando estudei esta freguesia.

Diogo Correia casou com D. Isabel Pinheiro de Lacerda, dos Pinheiros de Barcelos, filha de Álvaro Pinheiro Lobo. Os Duques de Bragança em atenção a este casamento deram-lhe a Alcaidaria-Mor de Porto de Moz.

Este, juntamente com sua mulher, instituiu um vínculo nas suas terras de Fralães.

Sucedeu-lhe seu filho Belchior Correia, falecido sem geração, passando esta Honra para o sobrinho deste, Cristóvão Correia de Lacerda e deste para seu filho António Correia de Lacerda e deste para o filho Cristóvão Correia de Lacerda.

Como este falecesse sem descendência legítima passou a Casa e Honra de Fralães para seu parente Manuel Correia de Lacerda Figueiroa, como descendente do dito quinto Senhor Diogo Correia, não obstante se dizer então que devia passar para a linha de Nuno Álvares Pe-

reira, irmão do dito primeiro Cristóvão Correia de Lacerda, cuja geração estava na índia.

Dá-se agora a chamada intrusão dos Senhores de Fralães.

Manuel Correia de Lacerda Figueiroa foi pois, como disse, senhor da Honra de Fralães bem como já era da Casa de Ruivães.

Sucedeu nessas duas casas seu filho Fernão Correia de Lacerda.

Na vida deste já houve questão com os descendentes de Nuno Álvares Pereira, que estavam na índia, acerca do prazo de Portas que venceu.

Sucedeu-lhe seu filho Francisco Correia de Lacerda a quem apareceu o diabo na figura de sua prima D. Maria Luísa Álvares Pereira, terceira neta daquele famigerado Nuno, que da índia pleiteou a posse de Fralães.

Após renhida questão entraram por fim em acordo, comprando o intruso senhor de Fralães uns palmares na índia Portuguesa e dando-os em troca à sua contendora.

Esta transacção foi autorizada pela rainha D. Maria I. Francisco Manuel Correia de Lacerda casou com D. Mariana Malheiro e, juntamente com sua mulher, instituiu o vínculo de Fralães.

As Honras desde o reinado de D. José I ficaram sendo um mero título, cerceando-lhes os seus privilégios o grande Marquês de Pombal, e a constituição de 1820 as extinguiu por completo.

Terminamos pois aqui esta lenga lenga dos Senhores de Fralães.

Parece que o assento desta Casa e Honra, foi primitivamente no alto do monte da Saia, onde houve um castelo, sucessor de algum castro romano.

Ainda aí existem vestígios de construções.

Ali perto há um penedo interiormente cavado, em forma de sepultura, cuja tampa serve de cobertura a uma sepultura na Igreja que pertencia à Casa da Quinta.

Mudando os seus senhores a residência para o sítio onde hoje se vêem ainda restos de casa, com eles veio a paróquia.

O P.^e Carvalho, que escreveu a Corografia Portuguesa nos princípios do século XVIII, diz que a mudança da paróquia devia efectuar-se há mais de duzentos anos.

Pelo decorrer do tempo tornou-se o edifício desta casa um dos mais importantes da província.

Para fazer-se uma ideia do que seria nos princípios do século XVIII, transcrevo da Corografia Portuguesa a descrição que dele faz o seu autor:

«Tem estes Senhores aqui a mayor Casa das antigas de quantas vi em Portugal & Galiza, com Torres & grandes salas, muitas fontes curiosas, jardins, & hortas, dilatados pomares de toda a fruta ordinária, & de espinho, & huma grande mata de Carvalhos, & Castanheiros, cousa magnifica ».

Deste grandioso edifício hoje quase nada existe.

Na parte recontruída recentemente vêem-se ainda umas portas antigas que dão para um terreiro interior. Nas paredes onde foram abertas aquelas estão gravadas letras e outros sinais que parecem ser siglas de pedreiros. A sala conhecida pelo nome de Tribunal, foi transformada em sala de jantar e outras dependências.

No terreiro interior sobranceiro à casa vê-se ainda um tanque antigo, no qual a água sai pela boca de duas figuras com busto humano: uma com as mãos elevadas à cabeça e outra com elas cruzadas sobre o peito, simbolizando as armas de S. Francisco.

Recolhida a água em uma taça volta a cair mais abaixo pela boca de outra figura que mostra só a cara.

Disseminadas por vários sítios vêem-se pedras lavradas, restos de antigas construções.

Ao lado daquele tanque ergue-se um torreão antigo, à guisa de mirante, que me informaram ser a força.

Não é verosímil (vai como me contaram) que os Senhores desta Honra mandassem enforcar em sua própria casa os condenados.

Parece que o antigo edifício se estendia para o poente, por detrás da Igreja Paroquial actual, vendo-se ainda restos de muros e portas.

Da célebre pedra com o nome gravado de *Elio Saia*, talvez resto de *Cornelio Saia*, a que me refiro na freguesia de Viatodos, não me souberam dar notícias.

Ao sul da actual casa ergue-se uma torre moderna, a imitar o antigo, donde se disfruta um lindo panorama.

O palacete, de recente reconstrução, forma, diga-se a verdade, um conjunto artístico e agradável.

Os antigos senhores desta casa foram sempre os senhores da Honra de Fralães.

É típico e interessante o modo como eram nomeadas e eleitas as autoridades que a regiam. Em certo dia do mês de Janeiro de cada ano ajuntavam-se os vassallos nesta casa, talvez na sala do Tribunal, onde o senhor os recebia assentado em uma cadeira.

Mandava este arrumar a vara ao juiz que findava o seu exercício e em seguida, escolhido dentre todos o que devia servir nesse ano, metia-lhe a vara na mão, tomava-lhe juramento e passava-lhe carta selada com seu selo; desta maneira ficava o nomeado *Juiz Ordinário e dos Órfãos* com apelação para o Senhor da Honra e deste para o Rei.

Findas as formalidades da sua nomeação, o juiz com o povo faziam a eleição dos vereadores e mais oficiais que com ele haviam de servir naquele ano.

No fim todo o povo comia umas *fogaças* que os caseiros do lugar de Campozechos, da freguesia de Viatodos, traziam, e bebiam do vinho que o senhor lhe dava (').

Era assim como antigamente se faziam as eleições em S. Pedro do Monte.

Esta freguesia foi abadia da apresentação dos Senhores de Fralães.

Não vem no censo da população de 1527; no século XVII tinha 32 vizinhos; no século XVIII tinha 33 fogos ; no século XIX tinha 143 habitantes, e pelo último censo tem 135 habitantes, sendo 57 varões e 74 fêmeas, sabendo ler 18 homens e 5 mulheres.

Tem os seguintes lugares habitados: Varziela, Rio, Portas, Paço, Residência, Granja, Monte, Luscos, Fralães, Fraga e Urjães.

As suas casas mais importantes são: Casa da Quinta, do Rio, da Porta, de Luscos e da Granja.

Esta freguesia está situada na enconta nascente do monte da Saia e confronta pelo norte, com Silveiros e Carvalhas; pelo poente, com Chavão e Chorrente; pelo sul, com Grimancelos e Viatodos e pelo nascente, com Viatodos.

É servida pela Estrada Nacional n.º 4 e pela Paroquial que desta vem até à Igreja.

A antiga Igreja Matriz existia ao norte da actual, fora do Adro, distante deste apenas alguns passos. Era pequenina e baixa; caindo em estado de completa ruína, foi demolida em 1913. O serviço religioso já há mais de oitenta anos se não exercia ali, servindo apenas para enterramentos.

Passou a servir de Igreja Paroquial a antiga Capela de Nossa Senhora da Saúde.

(1) Corografia Portuguesa, pág. 294.

Esta capela, sobranceira ao antigo solar, foi privativa dele, passando pela instituição da confraria para a posse desta.

Sofreu grandes reformas pelo século XVIII, ficando um lindo e airoso templo, amparado a uma elegante torre. A confraria de Nossa Senhora da Saúde foi instituída em 1650.

Dentro do Adro, debaixo de uma oliveira, vê-se uma mesa octogonal de um só pé na base do qual se lê a data 1673.

O Cruzeiro Paroquial, no fundo do espaçoso terreiro, tem a seguinte inscrição: PEDRO. ANTVNES. O. MAN-DOV. FAZER. 1626.

Ao lado deste vê-se a residência Paroquial, pequenina mas bem conservada.

Junto à Estrada Paroquial, no lugar de Luscos, ergue-se um Nicho ou Alminhas que tem por cima gravado na padieira as letras: A. D. 1725 e na base de uma das pirâmides outra data: 1772, talvez esta a da sua reconstrução.

O Cemitério Paroquial foi construído no sítio onde existiu a antiga Igreja mas, após uma renhida questão, foi mudado para o sítio onde está, começando a funcionar em 1919, sendo colocado o seu portão em 1929, conforme se vê da data que o encima.

Não tem Escola Oficial nem *loja* ou *venda* e a sua indústria está reduzida à de cesteiros, ferreiros, moleiros e tecedeiras, tudo em pequena escala.

As Fontes Públicas desta freguesia são: a da Senhora, a da Granja, a das Bicas e a célebre e antiga Poças dos Cavalos.

Dos homens ilustres, além dos já mencionados senhores de Fralães, destacaremos ainda: Fr. António Pereira, Abade do Mosteiro de Refoyos de Basto em 1650

e Fr. Damião do Espírito Santo, Abade do Mosteiro de S. João de Cabana, 1716, e do de Carvoeiro, 1722.

Realiza-se todos os anos, no dia 15 de Agosto, junto à Igreja Paroquial, a importante romaria de. Nossa Senhora da Saúde.

É muito concorrida de povo e abundante em melancias, vinho e *pancadaria*.

Os pimpões destas redondezas começam a liquidar aqui as suas velhas questões e rixas e vão acabá-las geralmente no Tribunal de Barcelos... em processos crimes.